

SEXUALIDADE: ABORDAGEM NA LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

Amanda Gonçalves dos Santos¹; Anita Leocádia Pereira dos Santos²

Universidade Federal da Paraíba - anitaleopereira@yahoo.com.br

Resumo

Indicado no currículo escolar como tema transversal, o estudo da Orientação Sexual é de reconhecida importância para o desenvolvimento humano. Entretanto, a sexualidade ainda é matéria frequentemente mal vista pela sociedade, de tal forma que nas famílias e nas escolas muitos preferem silenciar, ignorar ou até mesmo ocultar questões de sexualidade na formação dos sujeitos, ainda cercada de mitos e tabus (FURLANI, 2009). Este trabalho, de abordagem qualitativa, investigou estudantes do último período do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas que cursaram a disciplina optativa Educação Sexual, pela primeira vez ofertada, no Campus II da Universidade Federal da Paraíba, no município de Areia-PB, com a finalidade de analisar a compreensão dos graduandos e graduandas acerca das questões de sexualidade e sobre a contribuição da disciplina para sua formação profissional e pessoal, tendo em vista que as ações docentes tem um papel importante na formação e orientação de seus alunos/as. A pesquisa foi realizada após o término da disciplina Educação Sexual, com a turma que contou com nove alunos e a coleta de dados foi efetuada por meio de questionário enviado por email. A amostra voluntária foi composta por quatro estudantes do sexo feminino e um do sexo masculino, com idades entre 21 a 26 anos. Os resultados apontam que durante a vida escolar na educação básica e superior a temática da sexualidade não fora objeto de estudo, sequer de discussão para o grupo pesquisado, como também foi avaliada como positiva a experiência de aproximação da temática da sexualidade por meio da disciplina Educação Sexual, tanto para o desenvolvimento pessoal como profissional dos futuros docentes, que se consideraram como dispostos a abordar os assuntos que se relacionam com a sexualidade a partir dos conhecimentos adquiridos, mesmo observando a complexidade dos assuntos. Portanto, confirmou-se a necessidade de incluir estudos sistemáticos sobre sexualidade na formação docente, para que se possa contar com as condições mínimas por parte dos futuros educadores ao tratamento da temática em sala de aula, para além da abordagem higienista e biologicista, numa perspectiva emancipatória (BONFIM, 2012), com respeito à diversidade.

Palavras-chave: Educação Sexual; Formação Docente; Emancipação.

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas do Centro de Ciências Agrárias da Universidade Federal da Paraíba - CCA/UFPB; Bolsista do Programa de Extensão Quem disse que as mulheres não podem? Educação em Direitos, Esportes e Saúde (PROEXT/MEC 2015-2016);

² Professora do Departamento de Ciências Sociais e Fundamentais - DCFS/CCA/UFPB, responsável pela disciplina Educação Sexual, Coordenadora do Programa de Extensão Quem disse que as mulheres não podem? Educação em Direitos, Esportes e Saúde (PROEXT/MEC 2015-2016).

Introdução

Muitas pessoas ainda mantem uma visão distorcida sobre o que é sexualidade, confundindo-a com a definição de sexo, tornando-se necessário ressaltar que o sexo refere-se à definição ao fato natural e biológico das diferenças físicas dos órgãos genitais masculinos e feminino ou também pode ser compreendido como a relação sexual, enquanto que a sexualidade, por sua vez, está ligada ao que sentimos, relacionada ao desejos e bem estar referenciados no corpo, predominantemente, sendo necessidade fundamental na vida das pessoas.

A sexualidade tem grande importância no desenvolvimento humano, sendo expressa de diferentes formas a cada etapa do desenvolvimento, manifesta-se desde do nascimento até a morte, construída ao logo da vida. De acordo com Bonfim, “a sexualidade é uma das dimensões humanas mais complexas, configurando-se como um dos núcleos estruturantes que formam a totalidade humana. (...) a sexualidade perpassa tudo que nos dá prazer e nos motiva a viver” (BONFIM, 2012. p. 27).

Embora de reconhecida importância para o desenvolvimento humano pessoal e social, a sexualidade é matéria frequentemente mal vista pela sociedade, sendo assunto que causa estranheza e resistência, de tal forma que nas famílias e nas escolas muitos preferem silenciar, ignorar ou até mesmo ocultar a sexualidade na formação dos sujeitos, ainda cercada de mitos e tabus (FURLANI, 2009).

Incluída no currículo escolar como tema transversal, o estudo da Orientação Sexual de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (BRASIL, 1997) propõe desmitificação da sexualidade e a reflexão sobre a diversidade sexual. No entanto, esta abordagem torna-se confusa e dificilmente acontece no cotidiano das escolas:

A educação sexual por sua vez encontra-se em uma área tênue do conhecimento em que não se tem ao certo como trabalhar a temática ou sob a responsabilidade de qual profissional ele está destinada, trazendo implicações quanto à legitimidade de inserir o assunto. Nesse sentido, a abordagem voltada para a biologia é a que ganha maior destaque, sendo por vezes a única forma presente na escola (ALMEIDA; LUZ, 2016, p.17).

O que de fato ocorre é que nas escolas quando se fala em educação sexual em sua maioria educadores/as e os alunos/as tem a visão de que se trata apenas da forma de prevenção, seja das DST's ou da gravidez na adolescência, quando de fato a educação sexual



não se restringe à prevenção, mas também se refere a trabalhar as sexualidades e diversidades com o respeito entre as pessoas, entre meninos e meninas, independente das diferenças biológicas que existem entre eles e elas.

No sentido de contribuir para a superação da negligência em relação ao diálogo sobre a sexualidade como parte do processo educacional, este trabalho pretende discutir a importância da Educação Sexual como componente curricular na formação docente, especialmente nas Ciências Biológicas, área por excelência onde se irão abordar questões relacionadas ao corpo humano, bem como a partir desta formação, investigar acerca da compreensão dos futuros docentes sobre as possibilidades de implementação da disciplina educação sexual na escola de Educação Básica, para além dos reducionismos e partindo de uma revisão de (pre) conceitos:

A formação do educador quanto à produção teórico-científica, que serve de fundamento para se conhecer a criança e o jovem, é imprescindível e tem que ser levada em consideração, mas, além disso, é necessário que ele tenha conhecimento sobre si mesmo, suas características, seus sentimentos, suas inclinações. Agindo assim, o professor está apto a estimular as suas possibilidades, a manifestar seu pensamento, sua inventividade e sua capacidade de captar e expressar seus sentimentos (FIGUERÓ, p. 44-45, 2009).

Deste modo, existe a necessidade de que se faça um investimento na formação docente enquanto espaço de autoformação e de evolução individual, no qual a metodologia dialógica deve conduzir os estudos realizados nas disciplinas e as aulas sejam momentos de aprendizagem significativa para a vida pessoal e profissional.

Metodologia

Este trabalho, de abordagem qualitativa, investigou os/as estudantes do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas que cursaram a disciplina optativa Educação Sexual, no Campus II da Universidade Federal da Paraíba, localizado no município de Areia-PB, disciplina pela primeira vez ofertada, apenas à turma do último período no Curso, com a finalidade de analisar a compreensão dos graduandos e graduandas sobre a importância da disciplina para sua formação profissional e pessoal, tendo em vista que as ações docentes tem um papel importante na formação e orientação de seus alunos/as.

A pesquisa foi realizada após o término da disciplina Educação sexual, com a turma que contou com nove alunos e a coleta de dados foi efetuada por meio de questionário



enviado por email. A amostra voluntária desta pesquisa foi composta por quatro estudantes do sexo feminino e um do sexo masculino, com idades entre 21 a 26 anos, dos quais cinco retornaram as respostas.

Assim, por meio de seis perguntas abertas que versaram sobre os motivos que os/as levaram a escolher a disciplina de Educação Sexual, dentre as disciplinas optativas ofertadas no semestre 2105.2; qual a visão de sexualidade antes de cursar a disciplina Educação Sexual; ocorrência de mudança na compreensão sobre sexualidade tanto pessoal, quanto profissional ao término desta disciplina; a importância da disciplina para a formação acadêmica e o porquê; a possibilidade de recomendação aos demais graduandos de Licenciatura em Ciências Biológicas para cursar a Disciplina; a concordância sobre a implantação da disciplina Educação sexual nas escolas de Educação Básica e em que nível ou níveis seria adequada.

Resultados e Discussão

Acerca do motivo de escolha pela disciplina optativa de Educação Sexual, eles e elas apontaram que seria pelo fato de terem se identificado com a disciplina, com o assunto que seria abordado nela e para obtenção de conhecimento e formação profissional, pois atentam ao fato de que o tema da educação sexual é de suma importância e se faz necessário que saibam como abordá-lo em sala de aula: “Me identifico com a temática abordada na disciplina e como profissional da área de educação, acredito que o tema seja de extrema importância a ser tratada na sala de aula” (E.M.M.A, 21 anos, sexo masculino).

Os futuros docentes reconhecem que a abordagem em sala de aula requer um mínimo de conhecimentos básicos e apontam ainda que sobre o tema da sexualidade não tiveram “oportunidade de discuti-lo enquanto estudante do ensino médio, nem em nenhuma disciplina da graduação” (G.S.S., 23 anos, sexo feminino). Demonstra-se que a carência de espaços de aprendizagem orientada sobre a temática na escola de educação básica se repete na educação superior, lacuna que interfere diretamente na forma da abordagem biologicista e higienista da sexualidade que parcamente ocorre nas escolas. Em outra direção, Bonfim aponta sobre a complexidade da temática e sua abordagem emancipatória:

A educação sexual deve estar voltada ao esclarecimento de tabus e preconceitos existentes na sociedade, promovendo o respeito à liberdade de expressão e de orientação sexual, abrindo espaço para a discussão de conceitos e problemas da adolescência, como namoro, sexo seguro, gravidez, aborto, orientação sexual,



abusos sexuais, violência, responsabilidade, maturidade e afetividade (BONFIM, 2012, p. 71).

A visão dos/das alunos(as) sobre a sexualidade antes de cursar a disciplina, foi alterada por parte da maioria, com exceção de um estudante apenas, que afirmou não haver mudança na sua percepção sobre a sexualidade, pois já trabalhava com esse tema antes de cursar a disciplina. Os demais assemelhavam a sexualidade ao ato sexual, adotando uma compreensão reducionista: “Para ser sincera achava que sexualidade se referia apenas a sexo, tipo ou algo, não tinha um entendimento mais claro do termo” (K.M.L. 23 anos, sexo feminino).

Neste contexto, a forma como as questões da sexualidade são tratadas ou não tratadas ao longo dos tempos, promove uma visão equivocada e simplista da sexualidade, voltada a uma abordagem biológico-higienista e, não raro, moralista, contribuindo para a preservação de mitos como afirma Furlani, ao defini-los em correspondência com o modelo de educação sexual ofertado:

Pode ser compreendido como o conjunto de “concepções errôneas e falácias criadas a partir de rumores, superstições, fanatismo ou educação sexual falha”. Esta definição nos faz pensar o quão importante e indissociável está, muitas vezes, o conhecimento científico do trabalho de educação sexual, na medida em que muitos dos mitos sexuais são reforçados pela falta de informação científica básica, permitindo que o senso comum prevaleça e determine “verdades” balizadoras das práticas sexuais dos indivíduos (FURLANI, 2009 p.18-19).

O grupo pesquisado afirmou que aconteceu mudança da compreensão sobre a sexualidade após cursar a disciplina, no campo pessoal e profissional, pois passaram a entender a sexualidade de modo mais amplo e a se conhecer melhor, trazendo para si a coragem de abordagem do tema: “Aprendi o quanto o termo sexualidade é abrangente e, a partir disso compreendi mais a minha sexualidade bem como as de outras pessoas. (...) Depois dessa disciplina fiquei mais confiante para trabalhar esse assunto com os meus futuros alunos” (P.C. 25 anos, sexo feminino). Os graduandos e graduandas informaram que aprenderam mais conceitos acerca da sexualidade e possibilidades de como abordá-la em sala de aula, e tod@s confirmaram como importante a disciplina para sua formação acadêmica e alguns apontaram intenções de abordar o assunto quando estiverem em sala de aula. “Sim, me deu mais apoio para como trabalhar o tema na escola, quando for atuar no ensino” (E.M.M.A., 21 anos, sexo masculino).

Dessa forma, observamos a importância da Educação Sexual na formação docente e também no contexto escolar, nos levando a pensar as várias formas que a sexualidade pode e



deve ser vivida, na construção de uma liberdade de pensamentos e de ações em contextos diversos, evidenciando-se que

O principal papel da educação sexual é, primeiramente, desestabilizar as “verdade únicas”, os restritos modelos hegemônicos da sexualidade normal, mostrando o jogo de poder e de interesses envolvidos na intencionalidade de sua construção; e, depois, apresentar as várias possibilidades sexuais presentes no social, na cultura e na política da vida humana, problematizando o modo como são significadas e como produzem seus efeitos sobre a existência das pessoas (LOURO; FELIPE; GOELLNER 2003, p. 69).

Tod@s que compuseram a amostra recomendariam a disciplina aos demais graduandos em Licenciatura, pois verificaram que a partir de estudos pode-se ampliar o leque de informações sobre o que se entende por sexualidade, desmistificando os mitos e tabus que a cercam, para que ela possa ser vivida de forma livre e, também para que possam ter condições mínimas de abordá-la na prática docente e ajudar aos/as futur@s alun@s na compreensão da mesma. Assim, a disciplina pôde ser considerada como uma forma de oportunidade de se compreender e educar-se sexualmente, indo ao encontro de uma proposta inovadora na educação:

A educação sexual é denominada emancipatória, por estar comprometida com a transformação social, onde o indivíduo necessita desenvolver sua autonomia com as questões ligadas aos valores e comportamentos sexuais. Para alcançar esta transformação social é fundamental que ocorra uma construção da liberdade sexual sem culpa e livre da opressão, ou seja, são ações que contribuem para suprimir o autoritarismo sexual, eliminar os preconceitos sexuais, bem como as desigualdades e a violência sexual (BRITTOS; SANTOS; GAGLIOTTO, 2013).

Sobre a implementação da Educação Sexual nas escolas de Educação Básica, tod@s concordam que seria importante abrir espaço para estudos na escola, justificando que essa seria uma forma de superar preconceitos acerca da sexualidade e também uma forma de orientar alun@s da Educação Básica, uma vez que com o passar dos anos os/as adolescentes começam a vida sexual cada vez mais cedo, na maioria das vezes são mal informados e tem dificuldade em compreender a própria sexualidade. Uma estudante defendeu que a Educação Sexual deveria ser implantada no Fundamental II:

cada vez mais cedo os/as adolescentes estão iniciando, ou tornando sua vida sexual ativa, e estão fazendo sem nenhuma, ou quase nenhuma informação adequada, além de serem – por conta da sociedade – preconceituosos com o tema. Acredito que seria de grande valia a implantação da Ed. Sexual a partir do ensino fundamental II, seria nem tão cedo, nem tão tarde” (G.S.S., 23 anos, sexo feminino).



Partindo da premissa em que a sexualidade se manifesta em todo e qualquer espaço em que o sujeito esteja inserido, destaca-se a discussão acerca da Educação Sexual na escola, espaço em que educadores e educadoras estão comprometidos com a formação de seus alunos e alunas:

A escola configura-se como mais uma instância onde circulam saberes sobre o corpo e a sexualidade. Nós professores, estamos comprometidos diretamente com a (de) formação dos corpos dos estudantes. Portanto não somos meros observadores. (...) Participamos desse processo de (des) construção das identidades, com o que falamos, ensinamos (com nossa presença) e também com o que silenciamos (por nossa ausência), (MEYER; SOARES, p. 70-71, 2008).

Como espaço de formação humana e de abertura do diálogo sobre temas de grande importância social, a escola parece ser consenso entre conservadores e progressistas. Todavia, há muita resistência sobre a educação sexual na escola, pois muitas famílias preferem não ter o assunto apresentado aos filhos mesmo que não o façam em casa e muitos docentes não se sentem a vontade para fazê-lo, por concordar com as famílias conservadoras ou porque não se encontram com segurança na abordagem dos conteúdos, muitas vezes inusitados e censurados. Apesar dos obstáculos, faz-se necessário ressaltar que:

o ambiente educativo um espaço esclarecedor fundamental, já que oferece reflexões éticas, estéticas e críticas capazes de possibilitar a humanização das relações culminando na (re) invenção e na (re) construção da forma como as crianças, os adolescentes e os jovens desenvolvem suas sexualidades e os adultos a vivenciam (BONFIM, 2012, p. 25).

A Educação Sexual antes de tudo deve ser considerada como uma reeducação, neste sentido educar sexualmente, necessita de uma reconstrução da formação e das informações, atentando para o fato das visões distorcidas e errôneas que os indivíduos aprendem na vida, seja na escola ou na família, e perpassam ao longo das gerações. Portanto, a abordagem da Educação sexual nas escolas, indicam que o professor e a professora também necessitam dessa reeducação:

Então, para que o professor possa “reeducar” sexualmente seus alunos, é indispensável reeducar-se previamente e de forma continuada ao longo de toda a sua atuação profissional, revendo seus valores e atitudes e, ainda, aprimorando seus conhecimentos relativos à sexualidade (FIGUEIRÓ, p. 65, 2009).

Considerações finais



Até os dias atuais, as questões ligadas à sexualidade ainda são tabus, não são tratadas de forma tranquila como deveriam ser, pois a arraigada a moral sexual patriarcal compõe fortemente a cultura e determina valores éticos que as famílias receberam dos seus antepassados e passam para seus filhos, dificultando-se rumos para que haja uma educação sexual crítica de superação da visão simplista, preconceituosa, moralista, equivocada, condicionada pela ideologia dominante, caracterizada pelo senso comum.

A sexualidade humana é complexa e representa uma lacuna na abordagem educacional, sendo matéria a ser tratada em qualquer nível da escolaridade em conformidade com as especificidades, respeitando a necessidade de cada grupo infantil, adolescente, juvenil ou adulto. Comprova-se ainda que existe muita desconfiança sobre a capacidade docente em cumprir o desafio pois a formação ofertada nem sempre contempla esta discussão de forma sistemática, que deve ocorrer especialmente para educadores que são os agentes multiplicadores do conhecimento e estão diretamente ligados no cotidiano e na formação da juventude.

Estudantes de Licenciatura pesquisados, ainda não haviam se aproximado da temática da sexualidade nem na Educação Básica nem na Educação Superior e a experiência de formação docente em uma disciplina denominada Educação Sexual contribuiu para formação pessoal, especialmente pela ampliação da compreensão sobre a sexualidade como também para viabilizar a ação docente futura de modo a propor a superação da abordagem higienista e biologicista com vistas a educação sexual emancipatória. Desse modo, que no que diz respeito aos educadores é necessário uma formação que busque orientar o respeito entre os alunos e alunas, com vistas ao alcance e a compreensão sobre a sexualidade livre de mitos e preconceitos, com respeito à diversidade.

Referências

ALMEIDA, K.D.; LUZ, N.S. **Educação Sexual: uma discussão para a escola?**. 1. ed. Curitiba: Appris, 2014.

BONFIM, C. **Desnudando a Educação Sexual**. Campinas, SP: Papyrus, 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: orientação sexual**. V. 10.5. Secretaria de Educação Fundamental – Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/orientacao.pdf>> . Acesso em: 22 out. 2016.

BRITTOS, E.S.; SANTOS, A.B.; GAGLIOTTO, G.M. **A Importância da Educação Sexual na Formação de Professores**: O Projeto Laboratório de Educação Sexual Adolescer e a Intervenção necessária junto aos adolescentes no espaço escolar. In: III Simpósio Internacional de Educação Sexual, 2013. Maringá. Anais.Simpósio Internacional de Educação



Sexual, 2013. Disponível em <http://www.sies.uem.br/anais/pdf/educacao_sexual_escolar/4-08.pdf> Acesso em: 22 out. 2016.

FIGUEIRÓ, M.N.D., org. **Educação sexual: em busca de mudanças**. Londrina: UEL, 2009. Disponível em: <<http://www.maryneidefigueiro.com.br/pdf/educacaoosexual-embuscademudancas.pdf>>. Acesso em: 22 out. 2016.

FURLANI, J. **Mitos e Tabus da Sexualidade Humana**. 3. ed., 1 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

LOURO, G.L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S.V. **Corpo, Gênero e Sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 2. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2003.

MEYER, D.; SOARES, R. (orgs.). **Corpo, Gênero e Sexualidade**. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2004.

